

VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA NO MUSEU DE AVEIRO: A AÇÃO DO VOLUNTÁRIO COMO MEDIADOR NOS SERVIÇOS MUSEOLÓGICOS

Heritage and artistic valuation at the Aveiro Museum: volunteer action as mediator in museum services

Maria da Luz Nolasco, conservadora do Museu de Aveiro/Museu de Santa Joana – MAV/MSJ – Câmara Municipal de Aveiro; Sérgio Dantas, voluntario y Albertina Nunes, no MAV/MSJ

Fecha de recepción: 22/11/2017.

Fecha de aceptación: 01/03/2018.

RESUMO: *Voluntário adj (lat voluntariu)*¹, “feito espontaneamente, por vontade própria, sem constrangimento ou obrigação”, ainda “ato que deriva da própria vontade”. Esta é uma de muitas definições do termo voluntário e talvez a que melhor define a dedicação dos voluntários do Museu de Aveiro. Neste artigo a proposta é dar visibilidade à ação dos voluntários no dia a dia das atividades nos serviços educativos² descrevendo o seu papel de mediador com os públicos, as escolas e os grupos de interesse locais e regionais que procuram o Museu como espaço de fruição, de recreio, lazer e como espaço de atuação pela cultura e pela arte.

PALAVRAS-CHAVE: Voluntário, Serviços Educativos, Visita Orientada, Públicos

ABSTRACT: *Volunteer adj (lat voluntariu)*, "done spontaneously, voluntarily, without constraint or obligation", still "an act that derives from one's own will". This is one of many definitions of the term voluntary and perhaps the one that best defines the dedication of the volunteers of the Museum of Aveiro. In this article the proposal is to give visibility to the action of volunteers of daily activities in educational, conservation and restoration services, describing their role as mediator with local and regional audiences, schools and interest groups that seek the Museum as a space for enjoyment, recreation, leisure and as a space of action for culture and art.

KEY WORDS: Volunteer, Educational Services, Monitored Visit, Public

* * *

¹ Definição retirada do Dicionário Universal da Língua Portuguesa da Texto Editora, edição de 1995, e ainda no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, **Círculo de Leitores, edição de 2011.**

² O serviço educativo é uma das funções museológicas basilares na formação de públicos e que teve origem no Museu de Aveiro na década de 1980. À época, este serviço era orientado para a valorização da Princesa Santa Joana, destacando a sua memória no Convento de Jesus e a sua “aura” religiosa e simbólica, embora as coleções, de âmbito nacional, integrem os conteúdos pedagógicos e lúdicos.

1.- INTRODUÇÃO

Os serviços educativos do Museu de Aveiro dedicam um programa de atividades e visitas dirigido aos públicos para explorar temas relacionados com a história do edifício e das coleções. São estímulos à curiosidade, à criatividade e à capacidade crítica, valorizando a troca de experiências e de conhecimentos³. Neste âmbito os voluntários desenvolvem desde 2011, em interação com os técnicos do museu e no contexto das ofertas de serviços, uma panóplia de atividades de mediação entre os interesses dos públicos e a realidade do museu; assim, desenvolvem um trabalho preparatório dos guiões das diversas visitas; estas podem ser temáticas sendo o *focus* o Barroco como essência basilar e definidora de toda a área monumental. *A Viagem pelo Barroco* é uma das visitas mais requeridas pelo público escolar, e de âmbito nacional, tendo os voluntários um papel importante na dinamização das mesmas incluindo a sensibilização do visitante, escolar ou outros, para a história das mentalidades, arte e cultura barrocas através da exploração sensorial e interpretativa dos espaços conventuais. Desenvolvem atividades também na preparação e execução de oficinas que têm como orientação um conjunto de materiais e de objetos criados com os recursos humanos e técnicos do Museu e que respondem à parte operativa e oficial das atividades: no caso da visita temática do Barroco a observação do espaço envolve a sensibilização da sua fruição pelos sentidos introduzindo a audição de música barroca e de sonoridades de órgão de tubos entre outros artificios que recriam no imaginário dos participantes o ambiente de uma época e comunicam a mentalidade sua contemporânea. Ajuda nesta ação um conjunto de recursos onde se destaca a apresentação de amostras com o processo da aplicação da folha de ouro sobre madeira e o da ornamentação das vestes das imagens trabalhada de modo a imitar tecidos, dito “estofado”.

Mas o papel do voluntário não serve apenas a “vontade própria” deste sujeito ativo no processo comunicativo do Museu como ainda aporta para a instituição museológica um renovado espírito de participação de pessoas que de “fora” se tornam de “dentro”, e que pela sua presença e envolvimento resultam numa “boa união” e em boas práticas museológicas.

2.- OS VOLUNTÁRIOS E OS PROFISSIONAIS

Partindo do princípio que a ação entre o voluntário e o profissional deve ser a de um bom relacionamento que propicie e desenvolva a qualidade dos serviços prestados pelos museus, somos da opinião que devem ser definidos os objetivos, os perfis, as funções, as obrigações e os benefícios do trabalho voluntário. De acordo com o código deontológico do ICOM, Conselho Internacional dos Museus, revisto na Assembleia Geral realizada em Seul, Coreia do Sul, em 8 de outubro de 2014, este

³ “À Descoberta do Museu” foi a primeira edição do Museu de Aveiro no âmbito dos serviços educativos, editada em junho de 1990 e tinha como objetivo fazer um guião lúdico de visita estruturado em questões, jogos, ilustrações e *quizes*, e na altura, objeto de mecenato cultural da Companhia de Seguros Império.

define as práticas profissionais e a atuação dos museus e seu pessoal, sendo invocado no item dos recursos humanos, pontos 1.17 e seguinte, que deve estabelecer-se uma política oficial que promova o bom relacionamento entre voluntários e profissionais de museus [ICOM...]. Mais, estes princípios estão contemplados desde 2010 com a Resolução do Conselho de Ministros n.º 62/2010 de 25 de Agosto: institui em Portugal o Ano Europeu das Atividades de Voluntariado que “Promovam uma Cidadania Ativa” – 2011 (AEV-2011).

Esta resolução sai reforçada no novo projeto de alteração da Lei Quadro de Museus n.º 47/2004, de 19 de Agosto, no seu artigo 47.º, ponto 3. Neste âmbito, o Museu de Aveiro tem beneficiado do apoio de voluntários desde finais de 2010 distribuídos em várias áreas do trabalho museológico, tais como as da conservação e restauro, serviço educativo, biblioteca e arquivo, contribuindo esta multiplicidade de colaborações para uma resposta mais eficaz face os interesses dos públicos. Este facto é aferido empiricamente pelos diversos indicadores observáveis diretamente e em contexto de trabalho bem como em indicadores registados no livro de visitantes colocados na receção do Museu e ainda pela manifesta expressão e comunicação dos utilizadores dos serviços do museu junto dos profissionais.

3.- ACERCA DA OPERACIONALIDADE DAS FUNÇÕES DO VOLUNTÁRIO

Experiências recentes desenvolvidas desde janeiro de 2015

Em janeiro foi desenvolvida uma visita temática nova, com conteúdos em torno da primeira fase da expansão portuguesa, ligando este tempo às personagens representadas nas coleções do Museu e presentes na história e na origem do edifício conventual. Recuperar narrativas inerentes à história das peças e do lugar foi tido como o nosso lema e fio condutor. Concentramos a atenção na história da cidade de Aveiro e nas particularidades da sua região sendo motivo de destaque a produção do sal e a navegação, a cartografia e as cartas de marear [Domingos Mauricio].

Acresce a esta evidência o facto da Princesa Joana ser filha do Rei Africano, D. Afonso V, e com ele o conjunto de narrativas de viagens além mar e das conquistas no Norte de África e nas ilhas das Canárias. Destes relatos o Museu expõe um túmulo do cavaleiro João de Albuquerque, esculpido em pedra de Ançã, que relata a epopeia das Ilhas Canárias. Há ainda o facto desta *Villa de Aveiro* estar junto ao mar e ter uma relação geográfica e territorial fixada na costa ocidental da Europa, tão propícia à exploração marítima de novos mundos. São estas evidências que reforçam os fatores de identidade da memória coletiva que o Museu destaca.

Na história do Convento de Jesus, hoje Museu de Aveiro, inscrevem-se múltiplas narrativas que nos estimulam à sua recuperação pela educação e pela arte.

Exemplos desta prática são assim registados pela imagem em contexto de visita e de oficina no Museu, que passamos a registar. O próprio espaço e as coleções

são o manual didático que o Museu oferece aos públicos que, em visitas orientadas e individuais, e ainda com o apoio de áudio guia, permitem fruir os ambientes na sua diversidade e marcas temporais.



Neste mosaico de imagens registam-se momentos de interação em diversos espaços: nas salas de exposição permanente do Museu, na exposição temporária, em espaço exterior na cerca conventual e ainda em oficina de artes plásticas no interior e exterior do Museu.

4.- ACERCA DAS VISITAS TEMÁTICAS

A 1ª fase da Expansão Portuguesa e o Convento de Jesus

A Visita temática incide sobre uma narrativa específica, destacando um aspeto distinto e curioso associado ao conteúdo das coleções museológicas. A Expansão Portuguesa e o Convento de Jesus é uma nova proposta de visita temática destinada ao público escolar do 1º ano ao Secundário. Falamos de D. Afonso V na génese da Expansão e na exploração da costa ocidental africana. A Campanha de *Arzila*, a alegria do regresso do Rei vitorioso e o pedido da Princesa para integrar a comunidade religiosa das Dominicanas de Aveiro; a observação do Cometa *Halley* e o prognóstico da *ventura* no Convento de Jesus. Estes temas inserem-se no âmbito do percurso monumental e interagem nos currícula escolares. No que se refere à interação dos currícula escolares com a exposição do percurso monumental, os serviços educativos têm a mais valia dos seus voluntários serem professores dos ensinos básico e secundário nas disciplinas de História e História da Cultura e das Mentalidades, daí estes serviços conseguirem ser assertivos nos conteúdos. As escolas já planificam as suas atividades em articulação com os serviços educativos, tendo em conta os tempos do calendário escolar anual.

Tal como se regista nas imagens seguintes podemos ver o modo de usar o compasso para contar milhas nas cartas de marear e ainda uma voluntária na leitura visual do túmulo gótico de João Albuquerque. Nesta leitura visual está subjacente uma aprendizagem de valores estéticos, históricos, de identificação de materiais e sua manufatura, da simbólica e das vivências sociais do tempo. Neste sentido valoriza-se a noção de tempo histórico como algo de estrutural e de permanente.



As visitas temáticas contribuem para a transmissão de conceitos na área da conservação e do restauro, da preservação e da valorização do património móvel e imóvel à guarda nos Museus.

Assim, para se aprender a “ver” em modos distintos os objetos artísticos, as questões de conservação estão inerentes às da perceção visual das peças de arte, sendo que poderemos privar o observador de uma acuidade visual correta e esteticamente agradável se o objeto não estiver conservado. Estes conceitos são

transmitidos em exposições de peças que estão na reserva e que são sujeitas a uma intervenção de conservação e de restauro passando a ser exposto este processo de modo pedagógico; as peças são apresentadas nas várias etapas da intervenção permitindo visualizar partes não restauradas e partes restauradas.

A viagem pelo Barroco serve este propósito da conservação das peças e é uma das visitas mais requeridas pelo público escolar, e de âmbito nacional. Na narrativa é dado a conhecer o processo de douramento da talha e dos problemas de conservação e restauro exigidos pelo passar dos séculos. Esta visita vai ao encontro dos interesses dos professores e dos alunos, dando resposta a conteúdos lecionados nas disciplinas de História e Português. Na literatura destacamos a obra do Padre António Vieira incluída na vivência do barroco. É dada a possibilidade de teatralizar a leitura de excertos dos sermões do Padre António Vieira no púlpito da igreja como forma de análise prática da obra em contexto real. Da avaliação que fazemos nos Serviços Educativos registada em inquéritos de satisfação distribuídos após as visitas aos responsáveis escolares, registamos ser este tipo de intervenção teatralizada e a participação ativa dos alunos na visita o modo operativo mais eficaz na comunicação de saberes; o convite à participação na narrativa da visita promove que os mesmos alunos sejam espetadores e atores da ação desencadeada, e permite-lhes serem construtores da própria história.

A visita inclui a sensibilização do visitante para a história das mentalidades, arte e cultura barrocas através da exploração sensorial e interpretativa dos espaços conventuais. Assim, o espaço integra recursos sonoros (música barroca) e, sempre que possível, os cheiros fortes do incenso e o apelo a uma luminosidade ténue, que se imagina ser a luz emitida pelas velas e pelas lamparinas a azeite, materiais e recursos tão característicos do séc. XVIII. Neste jogo de ilusões e de sensações invisíveis entram em palco as restrições que a preservação e a conservação das matérias de que são feitos os objetos, e as obras de arte, nos exigem: falamos da Temperatura, da Humidade e da Luminosidade, como pilares da conservação das peças...a par com o cuidado manuseamento de cada item; sensibilizar para o rigor da gestão das coleções museológicas é outro dos aspetos que tentamos aflorar no pensamento vivo dos jovens estudantes.

A Visita, “A Viagem pelo Barroco”, é a nossa “blockbuster” pois traz ao Museu de Aveiro muitas turmas de estudantes do terceiro ciclo do ensino básico e do secundário, provenientes de escolas do concelho e dos concelhos limítrofes, sendo uma referência do ponto de vista pedagógico. O objeto de atração é o da temática do barroco e ainda, pelo facto de ser transversal aos domínios curriculares do Português, da artes visuais, da História, e de projetos extra curriculares que têm no imóvel do Museu a sua mais forte inspiração e interesse – convento, igreja barroca, claustro quinhentista, túmulo setecentista da Princesa Santa Joana, capelas e oratórios de vários tempos, tipologias e expressões artísticas, entre outros fatores relacionados.

A sala do “*Scriptorium*”

A outra visita temática aplica-se à área dos documentos gráficos e tem como objetivo o recriar o ambiente de um *scriptorium* medieval e explicar a origem do espaço no Convento de Jesus, bem como o quão delicado é tratar e cuidar destes registos pois requerem um manuseamento cuidado dada a fragilidade dos materiais; a conservação dos materiais gráficos requer condições de preservação em reservas muito controladas em termos de humidade relativa, temperatura e luminosidade. Em virtude destes condicionalismos estas visitas requerem o manuseio de cópias e a observação condicional de originais. Este local estava localizado no 1º piso da ala nascente do Convento, espaço registado em planta de 1472 e 1481 e existente na obra «O Mosteiro de Jesus» de Domingos Maurício.

O fio condutor da visita foca o quotidiano da vida no convento, evidenciando a dedicação de algumas freiras ao ofício do *scriptorium*, contextualizando-o nas exigências da vida conventual, uma vez que as leituras eram fundamentais no apoio diário à celebração das missas, orações e outros ofícios religiosos.

Acresce ainda promover, tal como já foi referido, que é através da observação direta de algumas páginas em exemplares manuscritos avulsos que se estimula o interesse dos participantes por esta arte de iluminar.

A visita inicia-se por uma sala onde será recriado o ambiente do *scriptorium* e onde se expõem livros de canto chão, alguns códices copiados a partir dos originais do convento de Jesus, e se propõe aos alunos / visitantes uma atividade de “cópia de iluminuras”.

Novas propostas de visita orientada

Numa ideia de atualizar conteúdos e de os inserir no programa atual dos Serviços Educativos, foram estudadas e experimentadas duas novas visitas temáticas cuja motivação partiu de uma valorização do edifício conventual e da sua abordagem tridimensional. Para tal, foram escolhidos modos de entendimento do espaço conventual e da sua relação com a cidade ao longo dos tempos.

A entidade parceira nestas novas propostas foi a Fundação Calouste Gulbenkian, *Descobrir – programa Gulbenkian, educação para a cultura e ciência*. Deste trabalho surgiram duas visitas temáticas que se intitulam:

I - *Flashback* e *Refresh* – Valores do passado que servem o presente

II - Telhados que crescem ...Vazios que aparecem.

Estas visitas resultam especificamente de uma colaboração entre os Museus da Direção Regional de Cultura do Centro e a Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Programa de Mobilidade de Educadores 2014-2015. Este programa pretendia desenhar projetos pedagógicos questionadores e estimulantes a partir de uma exposição. Nestas novas propostas de visita ao todo edificado e ao património

móvel em exposição permanente no Museu de Aveiro, Santa Joana tivemos em consideração vários pressupostos:

- em primeira instância, destacamos o sentido e significado da conceção de “Monumento dentro de um Monumento”; ligado a esta conceção introduzimos a noção de “tempo” e de “continuidade”, de História e do que remete à memória e à lembrança, e que se destina, também, ao futuro como na etimologia de “Monumento”. Salienta-se a ideia de que o convento do passado é hoje o monumento que preserva a memória. Este passado serve ao presente e ao que é “comum”, aos acontecimentos do quotidiano, vulgo “dia a dia”. Desta relação resultaram dois termos que serviram de título capitular a uma das visitas - *Flashback e Refresh* – **Valores do passado que servem o presente.**

- numa outra dimensão destacamos o sentido e significado da conceção de “coletivo” e de “comunidade” associando a cada conceito, espaços físicos do Convento de Jesus (hoje Museu de Aveiro, Santa Joana); espaços tais como o da “cerca conventual” ligada ao exterior do edifício mas um espaço “**intramuros**” e ainda o espaço na envolvente ao edificado “**fora muros**” e que se circunscreve ao espaço da cidade, à paisagem cultural – o convento | a comunidade | o viver com / o convívio | os cheios e os vazios – são os conceitos construtores do discurso narrativo desta visita.

Estas noções espaciais e de convivência estão induzidas no título da visita temática: “ **Telhados que crescem...Vazios que aparecem**”;



A par com a narrativa a desenvolver junto dos alunos/ participantes ativos das visitas teremos como recurso material e auxiliar de visualização do espaço edificado do Museu / Convento uma maquete em três dimensões, à escala de 1:200cm. Este recurso didático foi concebido pela equipa dos serviços educativos em articulação com uma colaboradora da Fundação Calouste Gulbenkian, Sara Franqueiro e construído pelo Assistente Técnico Mário Santos, funcionário do Museu, e que a partir dos alçados, cortes e plantas soube tão bem reconstruir o puzzle de edificações que formam este conjunto edificado. Este recurso é quase um *timeline*

da evolução do conjunto edificado ao longo do tempo, materializando o espaço global numa escala visível.

A visualização da maquete permite termos uma evolução espacial do edifício e compararmos com o estado atual do imóvel, após inúmeras fases de intervenção arquitetónica ao nível da conservação e restauro dos materiais construtivos, e ao nível da requalificação arquitetónica do imóvel e suas adaptações às diferentes funções; funções que vão desde a sua origem conventual, à sua adaptação a escola/colégio interno feminino, até ao seu encerramento pós Revolução Republicana. Desde 1910 foram ainda múltiplas as adaptações a Museu.

5.- Intervenção dos voluntários na área de conservação e restauro

De maneira a permitir uma integração rápida e com sucesso dos voluntários, sem que estes se sentissem “perdidos” dentro das suas funções, foi explicado de modo detalhado as funções que iriam desempenhar e em algumas ocasiões, a descrição do trabalho passou por uma demonstração.



A ordem de trabalhos passou pelas seguintes tarefas:

Tarefa n.º 1: Transporte de contentores para o laboratório de conservação e restauro;

Tarefa n.º 2: Marcação dos fragmentos desses contentores com canetas de aparo, tinta-da-china e *Paraloid* diluído em acetona;

Tarefa n.º 3: Descoberta dos fragmentos que dessem colagem e pré-montagem dos mesmos;

Tarefa n.º 4: Colocação desses fragmentos em sacos separados (dentro do contentor de origem);

Tarefa n.º 5: Limpeza e arrumação dos contentores nos armários de arqueologia;

Após vários ajustes, os voluntários passaram a realizar várias tarefas seguindo metodologias adequadas e supervisionadas pela Restauradora Conservadora do Museu. A título exemplificativo damos nota do seguinte:

Metodologia:

- Transferência dos sacos do contentor, disposição dos fragmentos sobre a mesa de trabalho e posterior delimitação com “réguas” de *roofmate*;



Tarefa n.º 3:

- Fixação e consolidação de pastas e vidrados

Estabilização de pastas e vidrados em destacamento



- **Tarefa n.º 4:**
- **Execução de etiquetas para cada saco de fragmentos, entre outras tarefas subsequentes.**

A estas ações e seu desenvolvimento gradual seguiam-se vários outros procedimentos técnicos que eram motivadores de uma aprendizagem/formação contínua dos próprios voluntários, que despertavam simultaneamente o gosto por esta área e os reportava para um mundo de memórias individuais e até coletivas. Memórias estas, que de certo modo lhes dão uma satisfação intelectual e cultural. Muitos são, ainda, os imaginários que os acervos museológicos despertam em contextos de interação e de participação na construção de narrativas históricas promovidas pelos Museus.

6.- Intervenção dos voluntários na área dos serviços educativos

Os serviços educativos do Museu de Aveiro contam, atualmente, com a colaboração de dois voluntários; dois professores do ensino secundário, que colaboram nas variadíssimas atividades dos serviços. O voluntariado representa um contributo informal numa equipa técnica e dá oportunidade de atualizarmos conteúdos a explorar junto dos públicos. São mentores de novas ideias e de novos procedimentos criativos. A razão de ser do seu contributo maior reside no facto de estarem envolvidos em dinâmicas sociais múltiplas que transportam para o interior do Museu, colocando-as como aspetos a serem debatidos em diferentes ações.

Estas ações podem tomar a forma de conversas, ciclos de conferências, exposições temáticas, e mesmo de propostas educativas para públicos mais escolares.

Assim, neste amplo espectro de ações destacamos as funções comunicativas materializadas em visitas orientadas e em recursos didáticos de educação não formal caracterizadas pela espontaneidade comunicativa. Acresce a esta especificidade o facto de os voluntários transportarem uma bagagem de conhecimentos e de experiências profissionais adquiridas ao longo da vida, que dão segurança ao seu desempenho junto dos públicos. Este sentido de segurança é transmitido pela interação e empatia que se cria entre o voluntário e os públicos, que podemos avaliar através dos registos no livro de sugestões dos visitantes disponível na entrada do museu e nos diversos *feed backs* recebidos por contactos diretos, *e-mails* e inquéritos de satisfação.

Nesta particularidade reside a mais valia da ação dos voluntários que acrescenta valor aos conteúdos temáticos das visitas estruturadas.

No Museu de Aveiro o facto de os voluntários serem do grupo de História potencia dinâmicas em torno dos temas pensados a partir das coleções do museu e do espaço museológico tornando-os mais perceptíveis e adaptados aos conteúdos lecionados em sala de aula, ... mas não escolarizando o museu.

As perspetivas dos serviços educativos no Museu de Aveiro enquadram-se numa possibilidade de articular recursos digitais interativos com o objetivo de atualizar a linguagem tornando-a mais apelativa aos grupos de jovens, o que reforça a eficácia do processo comunicativo. Por isso a formação contínua nas áreas da multimédia e dos recursos tecnológicos, das TIC, é hoje em dia uma necessária ferramenta e mais valia que cruza interesses dos professores, dos técnicos de museu e dos voluntários, para que em conjunto se entendam numa mesma lógica comunicativa.

Neste sentido, a criação de um passaporte "**Escola Amiga**" ou "**Museu - Escolas**" serviria para cativarmos as escolas pelo lado mais visível das atividades, ou seja, captando-as a uma participação em oficinas e visitas orientadas de modo mais sistemático e regular ao longo do ano letivo, numa idealizada viagem pela história e pela memória. O modelo é o da participação nas oficinas temáticas e aplicação de ferramentas interativas, para além de outros recursos a criar e a pensar conjuntamente com as escolas. O cartão "**Museu - Escolas**" permitiria criar conexões regulares e benefícios complementares na utilização do Museu pelas escolas, e tornar o Museu um recurso educativo presente, eficaz na aquisição de conhecimentos e lúdico na aprendizagem pela arte. Em paralelo, os serviços de mobilidade urbana e da periferia deveriam ser compatíveis com a necessária ajuda que as escolas requerem no transporte dos seus alunos, tarefa alheia às responsabilidades do Museu e como tal tida sempre como uma dificuldade de difícil resolução.

Na prática precisamos, também, de criar um site para realizar com eficácia a inscrição e visualização da escola amiga no *facebook* do Museu – ou melhor, no *website* dos serviços educativos, assim que este for criado e autorizado oficialmente; outra proposta é o da elaboração de um jornal *online* com divulgação das atividades partilhadas e desenvolvidas em parceria entre o Museu e as escolas bem como publicação de pequenos artigos sobre temáticas de manifesto interesse cultural e educativo no domínio museológico e artístico em coautoria com os docentes e alunos.

A criação de *website* do serviço educativo e *newsletter* em parceria com as escolas dos ensinos básico e secundário e ainda com o DECA – departamento de comunicação e arte da Universidade de Aveiro é um recurso ágil porque facilita a difusão das atividades e a sua atualização permanente, sendo entendido como um método de avaliação formativa significativo no âmbito das funções museológicas.



Visita à Sala de Lavor, MA / SJ



Oficina: a Roda da Portaria, MA / SJ.



Oficina: teatralização da Botica conventual, MA / SJ.

7.- Apertinência da ação dos voluntários

No que concerne ao voluntariado a questão que se mantém atual reside, na sua essência, no criar de condições para o seu acolhimento em contexto formativo, sendo que a sua presença na instituição que o acolhe deve ser entendida como uma mais valia para o global das funções museológicas e não como alguém que vai substituir elementos de um corpus técnico já instituído. Esta peculiar questão é muitas vezes abordada de modo ligeiro e não deve ser tida como tal. Outras questões pertinentes são as que residem no grau de motivação que cumpre ser dado aos voluntários por forma a que estes se vejam enriquecidos nesta experiência. Afinal trata-se de um paradigma social que não era tradicional na sociedade portuguesa mas que se foi desenvolvendo por razões de aproveitamento e valorização de competências até agora desvalorizadas pela maioria das instituições públicas.

CONCLUSÃO

O papel do voluntário em colaboração com os profissionais de museu é fundamental nos serviços prestados à comunidade pois este modelo de participação baseado no voluntariado permite uma interação mais próxima entre a comunidade e o Museu. O voluntário traz novas vivências profissionais e estímulos que se refletem na performance do Museu e que são uma mais valia nas funções museológicas desenvolvidas na instituição. Alguns voluntários trazem o *conhecimento e a experiência* da sua vida profissional, nomeadamente os professores que servem simultaneamente de colaboradores, de divulgadores das ações, angariadores de

novos públicos, e de alguma forma contribuem para uma quebra de rotinas institucionalizadas; são atores que conhecem a realidade dos *currícula*, interesses dos professores e alunos, dinamizando de uma forma mais funcional e próxima as visitas com grupos escolares. A experiência profissional destes voluntários/professores é de alguma forma um “refresh” de memórias. São presenças vivas de um património coletivo identitário que aos museus cumpre aproveitar e valorizar.

AGRADECIMENTOS

A toda a equipa dos Serviços Educativos que acolheu, integrou e formou os voluntários do Museu de Aveiro e aos Serviços de Conservação e de Restauro do Museu que durante um longo período de tempo acolheu este projeto com grande proximidade, bem como às Direções do Museu de Aveiro, Santa Joana pela promoção e valorização dos Voluntários no contexto museológico.

BIBLIOGRAFIA

Código de Deontologia do ICOM para os Museus. Conselho Internacional de Museus: UNESCO, Paris (2013), ISBN-978-92-9012-407-8.

Descobrir - Programa Gulbenkian Educação Para a Cultura. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2014/15).

NEVES, J. S., SANTOS, J. ALVES DOS. “Aspetos da Evolução dos Museus em Portugal no Período 2000-2005”, in *Boletim RPM*, nº 21, Lisboa, IPM, Setembro (2006).

Resolução do Conselho de Ministros, n.º 62/2010 de 25 de Agosto: institui em Portugal o Ano Europeu das Atividades de Voluntariado que Promovam uma Cidadania Ativa – (2011), (AEV-2011).

Lei nº 47 / 2004, 19 de Agosto – Lei-quadro dos Museus Portugueses, (2004).

SANTOS, D. M. GOMES DOS. “O Mosteiro de Jesus”, editado pela Companhia de Diamantes de Angola, Museu do Dundo, Lisboa, (1963).

SIVA, SUSANA GOMES DA. “O Valor Educativo do Museu”, in *Educar Hoje - Enciclopédia dos Pais*, Vol. IV, Lexicultural - Atividades Editoriais, Amadora, (2001).

SIVA, S. GOMES DA, “Aprender nos Museus”, in *Ativa Multimédia*, (Col.), Métodos de Estudo, Vol. XVI, Lexicultural - Activ. Editoriais, Amadora. (2004).

APÊNDICES

Imagem da maqueta - recurso material de visualização do espaço edificado do Convento de Jesus | Museu de Aveiro, Santa Joana.

Aveiro, 18 de Outubro de 2017

Guião da Visita I - Flashback e Refresh – Valores do passado que servem o presente:

1º Espaço: Coro Baixo/Túmulo

O que é um monumento?

Um monumento é uma estrutura construída por motivos simbólicos e/ou comemorativos, mais que para uma utilização de ordem funcional.

É funcional e/ou simbólico?

Estruturas funcionais que se tornam notáveis pela sua antiguidade, tamanho ou significado histórico; podem ser, também, considerados monumentos.

Como se considera um monumento?

Os monumentos são geralmente construídos com o duplo propósito de comemorar um acontecimento ou homenagear uma figura histórica e simultaneamente criar um objeto artístico.

Constatamos então que....

Acerca dos materiais: Pedra ←----→ Aveiro

Aveiro travou desde a sua génese um confronto com o mar.

Aveiro é um território que tem na sua geologia de origem arenitos, conhecidos como “Pedra de Eirol”, argilas, sílicas, entre outros.

As rochas que aparecem em aveiro vêm no Lastro do Navios e disso dão nota os seixos rolados em pedra preta original da Ilha da Madeira, de origem vulcânica, dos quais temos vestígios de utilização nos alicerces das antigas habitações da então Villa de Aveiro (período medieval).

Constatamos então que...

O Túmulo da Princesa:

→ É uma estrutura funcional ou simbólica?

→ É uma antiguidade? É monumental?
É um monumento?

→ Estamos a olhar para um objeto artístico?

→ Existe emoção visual?

→ Os materiais têm importância na conceção da obra, na sua estética e composição criativa?

O Túmulo é um Monumento dentro de um Monumento!

História → Continuidade

→ Tempo → Memória

Flashback | Refresh

Muralha medieval de Aveiro:

O túmulo é um Monumento raro e único; artístico no modo de unir as rochas, as pedras de mármore coloridas, com origem fora da Villa de Aveiro e provenientes de jazidas para além Tejo.

2º espaço: Igreja de Jesus

O que se sente?

O que é monumental?

Que tem as proporções colossais, grandiosas, vastas, amplas, extraordinárias...

→ *espaço onde nos sentimos pequenos? Onde perdemos a escala humana...*

A história da Igreja remete para a história do convento e para a função dos espaços e memória do lugar.

Flashback

Refresh

A Maquete do Museu situa-nos em várias linhas de inter-relação com os espaços público e privado, dentro e fora das grades que separam a Igreja da área funcional do convento; dentro do convento e fora deste – na cidade.

1ª linha : espaço de negociação – portaria, torre sinerica, galilé, sacristia, entrada das carruagens.

2ª linha : público e privado – igreja e coro baixo e coro alto.

3ª linha : espaço privado – claustro, capelas, dormitórios, celeiros, cozinhas, pátio, enfermaria e botica, scriptórium, sala de lavores e cerca.

4ª linha : alçado sul do convento – fachada falsa do séc. XVIII para uniformizar o aglomerado do espaço privado.

Constatamos então que...

Aveiro “terra de água e arenitos” é o contrário da Monumentalidade



3º espaço: Claustro

História

O que organiza todo o espaço à volta do convento e desenha a continuidade das funções da comunidade religiosa.

Estabelece a comunhão com as religiosas antepassadas pela memória e pelo registo nas campas tumulares colocadas em torno do claustro dentro da colunata.

Neste espaço estão misturados o tempo longo e o curto, a memória e a lembrança ajudam a entender o presente.

A história faz a junção | cruzamento dos tempos no mesmo espaço - história.

A história dá vitalidade à memória reatualizando o que era comum e habitual nos espaços.

O refeitório está ligado ao tempo comum – o das refeições.

A colunata está ligada ao silêncio e à oração – orar para lembrar.

O claustro está ligado ao convívio – vitalidade da comunidade.

Continuidade

→ o tempo e a sua elocução no edificado

→ Memória ←--→ *Flashback* ←--→ Futuro

→ Atualização ←--→ *Refresh* ←--→ Presente

Constatamos então que...

A história se faz por análise comparativa intepertando o documento – o monumento em relação a outros espaços do comum.

E EM REFRESH

EM FLASHBACK